

Natal em momento impróprio

WILLIAM H. ARMSTRONG

AQUELE 21 de novembro foi um dia cinzento e encoberto. É mais fácil recordar-se de um dia assim se for possível observá-lo, como foi meu caso, depois da escuridão cega de uma noite insone. Quando se é obrigado a ficar na

cama, dispõe-se de tempo para ver o dia se formando. Era lá que o médico me mantinha. Aos 43 anos, caxumba não é brincadeira.

Através da janela do quarto, escutava os carneiros descendo a encosta da colina em direção às pastagens mais abaixo. Cinco deles

Era difícil imaginar comemoração nessa hora de tristeza. Mais difícil ainda acreditar que o Natal chegaria de fato para nós, que encontraríamos um meio de participar da alegria. Havia muito com o que me preocupar na época, sobretudo com meus filhos.



portavam sinetas, cada uma com som distinto. É agradável escutar os sons das sinetas, se um homem dispõe de tempo. Naquela manhã pareciam compor uma música.

Uma semana antes, a última dentre as muitas obras de vulto que realizei na casa de fazenda havia sido completada. Agora, sólida cerca de arame entrelaçado circundava toda a propriedade. Os

carneiros estavam a salvo dos cães.

A escavadeira e o tensor de arame ainda se encontravam no extremo nordeste da fazenda. Tardaria um pouco até que pudesse voltar a trabalhar com eles. Não me incomodava muito ser obrigado a me afastar por certo tempo do internato de meninos onde ensinava. Como setembro e outubro são meses infernais, dedicados a ajudar os

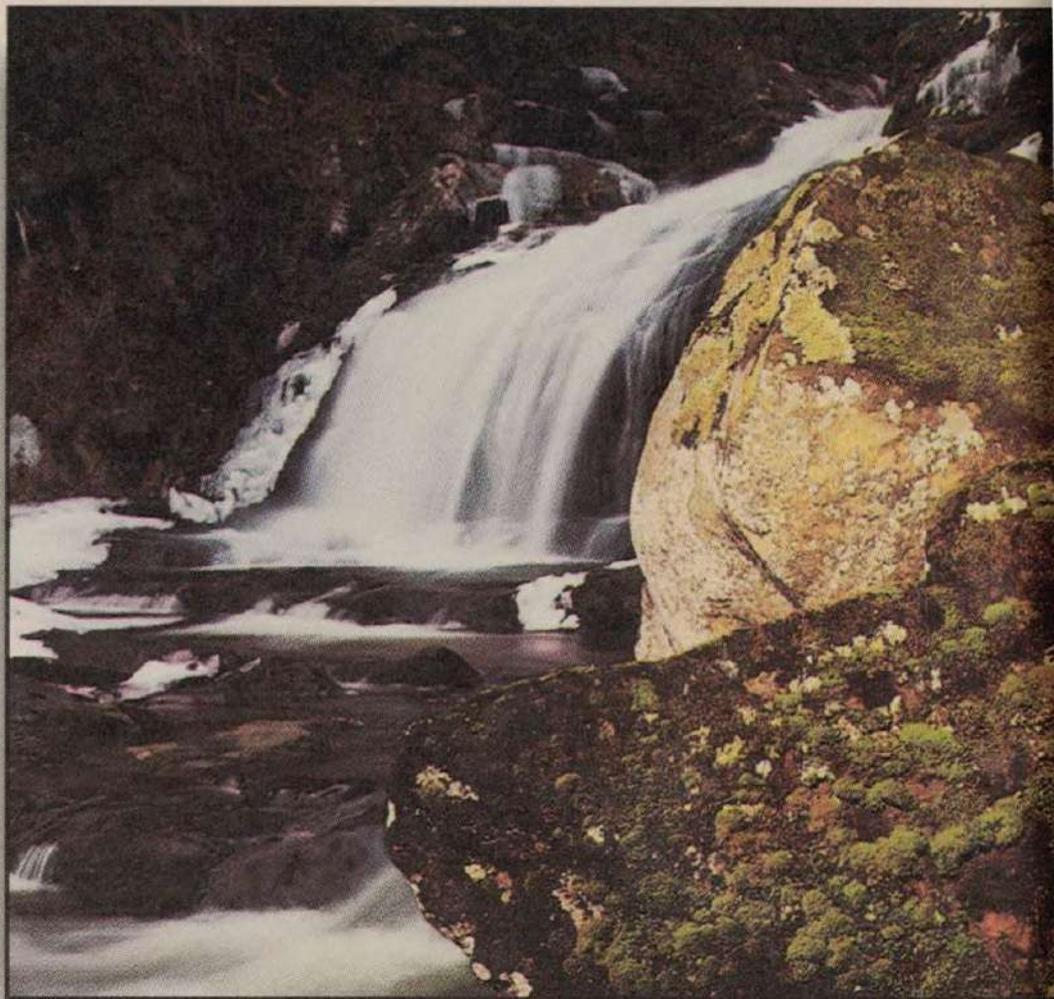


garotos a se adaptarem e se organizarem, eu precisava desse descanso.

Na verdade, perderia apenas cinco dias. Era sábado. O Dia de Ação de Graças seria na semana seguinte e os alunos retornariam às suas casas para passar o feriado. Eu poderia repousar aqui, e sonhar.

Fui tomado por agradável sensação de segurança, agora que nossa casa estava pronta. A primeira vez que minha mulher Martha e eu deitamos os olhos nessa encosta rochosa, as velhas macieiras estavam em flor. *Teríamos condições de comprá-la?*, refletíamos. De pé na crista estreita a 120 metros de altura, descortinava-se um vale estendendo-se por oito quilômetros até o

Decidi eu mesmo construir a casa utilizando as árvores do terreno. Poderiam as árvores ser cortadas e serradas e a madeira empilhada para secar? Poderiam as pedras ser arras-



“O som das corredeiras de um rio no vale subia até nós. Quantas noites aquele suave murmúrio acalentaria nosso sono?”

ponto onde duas montanhas, projetando-se contra o céu, completavam a vista. O som das corredeiras de um rio no vale subia até nós. Quantas noites aquele suave murmúrio acalentaria nosso sono?

tadas para a construção de lareiras e terraços? Sempre havia quem plantasse sementes de desânimo.

Sorri, ao lembrar aqueles primeiros dias em que me viam sair correndo da escola, irrompendo em nossa casa, agarrando um serrote grande e disparando em direção aos bosques. Descobri que retirar toras das encostas rochosas das montanhas

é a tarefa mais árdua que alguém pode enfrentar. No entanto, perseveramos, e os incrédulos desde há muito foram silenciados.

Não mais se pergunta: “Será que algum dia vocês vão conseguir subir aquele morro?” A entrada para carros que projetamos faz uma curva suave para eliminar o rigor do aclive. Criamos um jardim em meio às pedras no sopé. Logo construiríamos uma cerca de madeira margeando ambos os lados da entrada, e os meninos teriam algo para cair.

Passaram-se três anos e a casa já tem um quê de habitada. Algum dia vou colocar o rodapé nos armários do andar de baixo e revestir com cedro o poial da janela em nosso quarto. Então

estará tudo pronto. Daí poderemos ir a todos os lugares e fazer tudo o que prometi à minha mulher durante todos esses anos atribulados.

Os carneiros encontravam-se nas pastagens abaixo, e já era hora de Martha e as crianças estarem acordadas. A porta se abriu suavemente. Martha deu uma olhada.

– Passei quase a noite toda sem dormir – disse eu. – Estou com febre, acho, mas o médico me preveniu a respeito.

– Vou manter as crianças quietas

para que possa descansar – sussurrou ela. – Kip e David foram convidados para passar o dia fora.

Aquilo significava que o dia seria razoavelmente silencioso.

– Quero terminar as compras para o Dia de Ação de Graças e ir com Mary buscar os convites para sua festinha de aniversário – prosseguiu Martha. – Assim que terminar de servir as crianças, trago seu café da manhã.

Meus filhos deram uma espiada em mim, mas foram rapidamente afastados. Martha prosseguiu com as tarefas matinais. Depois trouxe o café e veio sentar-se perto de mim.

Falou sobre nossa viagem para passar com o pai o Dia de Ação de Graças. Disse-lhe que sentia muito haver arruinado os planos. Respondeu que não me preocupasse com essa questão.

A rotina tomou conta daquele dia. Compras foram feitas. Convites do aniversário trazidos para casa e colocados na gaveta de cima da mesa de costura. Os meninos foram brincar com os amigos. Minha febre subiu levemente. Carneiros passaram por ali para pastar. Fiquei escutando as sinetas. Vizinhos vieram visitar Martha.

O começo da noite foi tranquilo. Martha providenciou tudo o que eu pudesse necessitar durante a noite. Depois, subiu. Eu podia ouvir portas se abrindo e fechando enquanto ela ia de quarto em quarto, prendendo as cobertas com cuidado ao redor dos três mundos inocentes de sonhos.

Mais um dia de novembro escureceu e estava para terminar.



Nos braços de Deus

ANTES DE SE recolher naquela noite, Martha sentou-se na beira da cama, apanhou o diário e fez os apontamentos de costume.

“Kip e D.B. passaram o dia com os Greiner. Mary foi passar a tarde e jantar na casa de Molly. Os Loomis e os Porzelt estiveram aqui à tarde. Noite tranqüila. Estranho acesso na garganta.”

Quase à meia-noite Martha desceu silenciosamente as escadas. Comentou a estranha sensação de sufoco na garganta. Disse-lhe para chamar nosso médico, mas hesitou. Detestava incomodá-lo em hora como aquela. Entretanto, insisti, e terminou por ligar.

Enquanto aguardávamos, sua preocupação primordial era que o doutor me desse algo para baixar a febre.

O médico chegou e, depois de examinar Martha, preocupou-se com seu estado a ponto de ligar para a enfermaria de minha escola e pedir à enfermeira que preparasse um leito. Martha não queria ir, porém o médico explicou que seria o mais sensato. Não desejava que eu saísse da cama se precisasse de algo durante a noite.

Uma assistente veio para ajudar o médico a prepará-la para partir. Martha riu da idéia de ter de ser carregada. Quando insistiu em que era necessário contatar alguém para substituí-la na aula da escola dominical, o doutor, brincando, designou a assistente para a tarefa. Riram sobre o caso enquanto se aprontavam.

Na saída, Martha me orientou so-

bre quem chamar para assumir as tarefas matinais e onde encontrar as camisas de domingo dos meninos. Assegurei-lhe que estaria de volta a tempo e sussurrei:

– Boa-noite.

– Vejo você pela manhã – respondeu.

E eles se foram.

O LADO DIREITO do coração bombeia sangue para o interior dos pulmões; o esquerdo recebe o sangue vindo dos pulmões. Se algo acontece com o lado esquerdo, há um “estranho acesso na garganta”.

Martha adormeceu na enfermaria. E o sangue subia mais e mais. Subia lentamente; houve um turbilhão, suave e silencioso. Embora respirasse cada vez mais rápido, não se moveu nem despertou. Seu coração estava fraquejando. Ouviu-se delicado ruído de gorgolejar na garganta; então, parou de respirar. O transbordamento vagorosamente sorveu-a – para os braços de Deus.

MAL DECORRERA uma hora da partida de Martha, quando um carro subiu a colina. *Eles esqueceram alguma coisa, pensei. A porta da frente se abriu. Contra a luz esmorecida vinda dos fundos do corredor delineava-se a figura do vigário. O médico o acompanhava.*

– Bill, trago-lhe más notícias – disse o vigário.

Quando fui acender a luz, ele me impediu.

– Martha se foi. Sei que soa terrivelmente banal, mas ela se foi tão tranqüilamente quanto possível, enquanto dormia.

À medida que meu mundo desmoronava, a voz do vigário erguia-se, calma e forte, rezando: "Que Vossa luz eterna resplandeça para sempre sobre ela. E que ela não seja tragada pelos rios". Uma onda invadia a penumbra do quarto, turbilhonando em silêncio.

O médico entrou, sentando-se por algum tempo na beira da cama. Não disse palavra.

Depois de alguns momentos ambos se retiraram. Teriam permanecido a noite toda, mas perceberam que deveriam partir. Quando um homem reza, reza a sós; e quando amaldiçoa Deus, amaldiçoa Deus a sós.

Tudo em que conseguia pensar era: *Que fiz eu para que isso fosse necessário, a fim de acertar minhas contas com Deus? Martha tornou o mundo melhor. Será que Deus não deseja um mundo melhor?*

Quais foram as últimas palavras daquela que só transmitira bondade e amor? Quais as últimas palavras daquela que amara a Deus e a todos os seus filhos? "Vejo você pela manhã."

Como pode tardar tanto o amanhecer?, queria saber. Senti que os amanhã para os quais Martha e eu nos havíamos preparado não mais existiam. De repente eu era um velho. Não fazia planos. Durante horas silenciosas, mergulhei no sofrimento, até que a escuridão cedeu lugar a um amanhecer coberto de dor.

Por fim escutei leves passos no andar de cima. Uma porta se abriu. Sabia que era Kip – ou melhor, Christopher, mas preferia que o chamassem de Kip – indo ao quarto da mãe. A longa noite estava chegando ao fim. Agora Kip,

David e Mary seriam atirados em meio às águas turbulentas.

Coração de crianças se dilacera

CASO ESSA FOSSE uma manhã comum, Kip seguiria uma rotina que fazia parte de nossa alegria. Iria de quarto em quarto para ver se cada um estava onde deveria estar. Se encontrasse um livro aberto, virado sobre a mesa de cabeceira, marcaria a página corretamente com a orelha da sobrecapa e colocaria o livro exatamente no canto da mesa. No quarto de Mary, recolheria o cobertor azul do chão e o colocaria de volta sobre o travesseiro. No quarto de David arrumaria os índios de plástico – cavalos brancos e índios negros em um lado, cavalos azuis e índios marrons no outro. Em seguida desceria, perguntaria pela mamãe, e anunciaria orgulhosamente durante o café da manhã: "Arrumei a casa toda".

David era um ano e meio mais novo do que Kip; logo faria sete anos. Geralmente dormia até mais tarde. E Mary, que os meninos chamavam carinhosamente de Maninha, seria a última a despertar. Em breve completaria cinco anos.

Kip descia as escadas. No final de cada dia, meu filho juntava um pouco de amor, um pouco de energia, alguns agradecimentos para recomeçar um novo dia. Hoje ele teria de juntar os fragmentos de seu coração despedaçado.

– Kip – chamei-o.

Ele apareceu à porta. Ouvira alguém na cozinha.

Uma mulher que trabalhava em mi-

nha escola viera preparar o café da manhã. As crianças não deviam vê-la antes que eu pudesse conversar com elas. Embora sabendo que cada um deveria reagir a seu modo, percebi que precisava contar, a todos juntos, o que acontecera.

– O que a mamãe está fazendo acordada tão cedo? – perguntou Kip. – Você piorou? Por que todas as luzes estão acesas?

– Kip, suba e traga David e Maninha – disse. – Tenho algo a dizer e quero falar aos três de uma só vez.

Segundos mais tarde eles desciam correndo as escadas, rindo inocentemente. Costumávamos guardar as boas surpresas para as manhãs. Se houvesse uma viagem ou um convite, esperávamos para lhes contar no próprio dia, pois cabecinhas costumam aumentar o entusiasmo até que o sono é empurrado para bem longe. Por isso entendi as risadas.

Já sabiam que a mamãe iria levá-los para visitar os primos. Passariam o dia fora a fim de que papai pudesse repousar. Escancararam a porta. Mary foi a última a entrar. Instintivamente se colocou entre os meninos. No espaço de um segundo houve um longo silêncio que chegou aos confins da terra e retornou.

Não queria contar-lhes. Como poderia eu retirar de suas vidas algo para o qual não havia substituto neste mundo? Mary perguntou:

– Nós vamos visitar o tio Andy e a tia Margaret?

– Não – respondi. – Mas o tio Andy e a tia Margaret virão aqui esta manhã. Uma pessoa amiga está preparando o

café. Na noite passada a mamãe se sentiu mal, e o médico levou-a para a enfermaria. Ela adormeceu, e morreu enquanto dormia. Foi para o céu e não vamos vê-la durante muito tempo. Mas algum dia a veremos de novo no céu.

Kip chorou e falou por todos.

– Nós queremos a mamãe.

O coração de David pareceu despedaçar-se tão rápido que não houve uma lágrima sequer. Somente a lividez estampada em seu rosto me revelava os mil pedaços estilhaçados.

Mary, ainda tão criança, não conseguia compreender a enormidade do que eu estava dizendo. Mas ao perguntar “quando a mamãe vai voltar?”, vi a terra desabar sob seus pés.

Eles não acreditaram. Percorreram todos os cômodos da casa. Portas se abriam e fechavam enquanto buscavam algum sinal familiar na paisagem de suas vidas que de repente se havia tornado estranha e desconhecida.

Voltaram.

– Mamãe não está aqui – disse David. Mas ainda podia sentir a dúvida em sua voz.

– O espírito da mamãe está aqui – expliquei – e ficará conosco durante todo o tempo em que aqui estivermos. Jamais vai abandonar-nos. – Sabia que ele não poderia compreender. – Agora vocês precisam tomar o café e depois se preparar para ir à escola dominical.

Era importante que fossem à igreja para escutar mais uma vez que Deus nos ama. Acreditariam nisso? Podia eu acreditar que Deus nos ama? Ele destruíra o que me havia dado.

– Mas a mamãe não está aqui para nos levar.

– Os Smith vão levar vocês.

Àquela altura as pessoas chegavam à nossa casa, pessoas maravilhosas, tentando retribuir o amor e a bondade que Martha lhes dedicara. Vieram silenciosamente até a porta e bateram:

“Por favor, avise-nos se pudermos ajudar em algo.” Cada uma delas conheceu-lhe o sorriso, o desprendimento, a bondade, o amor.

Como parecia feliz minha mulher ao partir naquela noite! Seus últimos

Próximo mês

Fique de olho nestes e em outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

O VERDADEIRO BILL GATES

Um retrato da intimidade de um dos homens mais importantes de nossa era

SEXO DEPOIS DOS 35 ANOS

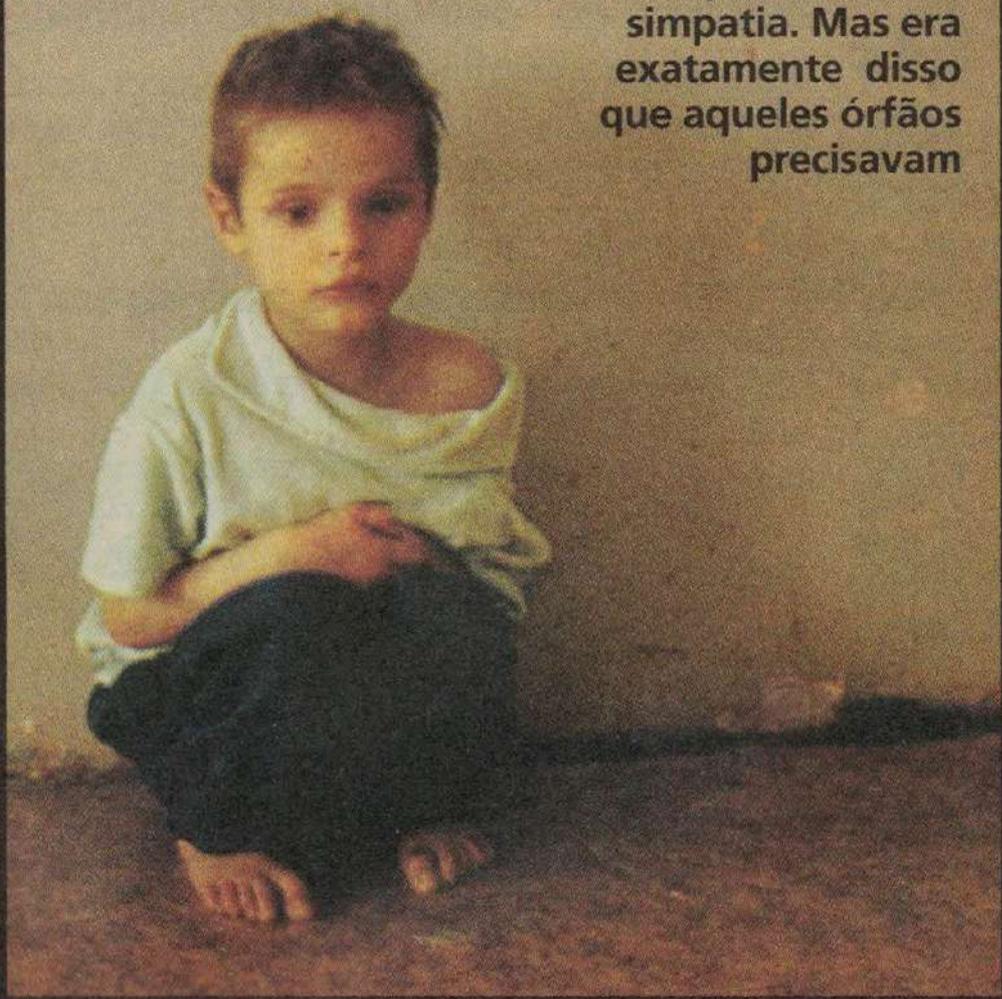
Se os parceiros evoluírem juntos, as alterações que ocorrem com o tempo serão bem-vindas.

AJUDA DE IRMÃO

A visão dos doze andares fazia sua cabeça rodar. Ele fechava os olhos e agarrava o irmão com a maior força que podia.

As crianças perdidas de Bacau

Tinha a oferecer apenas amor e simpatia. Mas era exatamente disso que aqueles órfãos precisavam



pensamentos foram para aqueles que amava, e não para si mesma. Como foi casual meu “boa-noite”. Por que Deus me impediu de, pela última vez, tomá-la nos braços e dizer-lhe o quanto a amava?

A noite seguinte foi permeada de silêncio e de horas vazias. Ondas de dúvidas agora me aturdiavam. O que eu iria fazer?

“Nada temo”

SEGUNDA-FEIRA de manhã Kip e David foram à escola e Mary, ao maternal. Percebi atraso e confusão na saída das crianças. Martha sempre acompanhava suas orações matinais antes de descerem a colina. Eu o fazia somente quando Martha viajava.

Naquelas ocasiões pediam a Deus que “ajudasse mamãe a se divertir, voltar a salvo para casa e nos trazer alguma coisa de bom”.

O sofrimento é algo pesado, terrível, difícil de penetrar. David tentou. Quando retornou da escola na segunda-feira, entrou e ficou parado ao pé da cama por longo tempo.

“Mamãe vai pedir a Deus que você sare” disse ele, “e é o que queremos. Quando vai fazer a barba?”

Quanto a Kip, estava atarefado, preparando-se para uma peça de Dia de Ação de Graças na escola. Necessitava de uma pena de escrever igual àquela usada pelos primeiros colonizadores. Havia encurralado um ganso contra a cerca abaixo do lago e mos-

Garanta que Seleções o acompanhará!

PARA MUDAR SEU ENDEREÇO: Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

MUDANÇA DE
ENDEREÇO?

trou-me a pena comprida de asa que conseguira; explicou como escreveria depois que a ponta fosse afiada. Depois me contou que pedira aos amigos da escola para não falarem sobre a morte da mãe.

Recordo-me de certa vez que me acompanhou ao depósito de compartimentos refrigerados de aluguel. Vimos um cordeiro que havia sido abatido. A caminho de casa, pediu-me que não tocássemos mais no assunto.

Mary trouxe um cachecol ao meu quarto e ergueu-o para que o visse. “Este é o cachecol da mamãe. Ela ainda está nesta casa.” Muitas vezes, nos dias subseqüentes, dizia-me que a mamãe ainda estava presente porque via seu cachecol na cômoda ou sua caneta na escrivaninha.

À medida que o dia cinzento de novembro definhava, uma procissão de devotos e curiosos passaram por nossa casa. Prestavam a última homenagem a Martha, mas eu seguiria vendendo-a para sempre.

Depois que as crianças se recolheram, as pessoas se moveram silenciosamente pela casa. Eu pedira a uma delas que me trouxesse, da mesinha de cabeceira de cima, o livro de orações. Mais tarde revelaria a meus alunos que há um momento em que encontramos consolo em algo antes considerado banal.

Terça-feira, ao retornarem da escola, as crianças vestiram-se para o funeral. Não podia acompanhá-los; o médico ainda não me deixava sair da cama. Os meninos puseram as camisas de domingo. Mãos desconhecidas trançaram os cabelos de Mary. Duas

pessoas bondosas ficaram para me fazer companhia.

Na igreja, contaram-me, os amigos de Martha e os meus reuniram-se silenciosamente. O vigário falou numa voz nítida e profunda: “Disse o Senhor: Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá, e todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá.”

Christopher olhava para a frente. Não queria que ninguém o visse erguer a mão ao rosto para limpar as lágrimas. David, voltado para o corredor, mantinha os olhos no chão. Estava rígido e imóvel. Mary, ao ver a professora do maternal do outro lado do corredor, conseguiu esboçar um sorriso.

“Ensinaí-nos a bem contar os nossos dias para que alcancemos a sabedoria em nossos corações”, prosseguiu o vigário.

Para mim, Martha utilizara somente uma fração de seus dias; acabávamos de comemorar seu 43º aniversário na última terça-feira. Christopher havia esbarrado no carrinho de chá, demolindo algumas de suas xícaras. Eu havia comprado outras para seu aniversário. Agora, juntariam pó na cristaleira. Algum dia eu as daria para Mary.

A voz do vigário abafou os soluços baixinhos, entrecortados, de David: “Deus é nossa esperança e força, nosso amparo nas tribulações. Nada tememos, ainda que a terra trema, as montanhas se projetem no meio dos mares, as águas rujam e espumem e os montes se abalem pela sua violência.”

Quase todos as noites de domingo Martha costumava tocar piano. Muitos eram seus hinos favoritos. No fune-

ral, os amigos cantaram um deles: “Ainda que eu atravessasse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo. Vosso bordão e vosso báculo são meu amparo, Vossa cruz, o meu guia.”

E no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças, Martha foi enterrada na colina voltada para Rock Creek em Rockville, Maryland – “na crença inabalável da ressurreição na vida eterna”.

A cadeira vazia

NO 14º DIA depois de ter sido confinado à cama, o médico finalmente permitiu que eu me levantasse. Como desejava ficar a sós com as crianças, andar pela casa sozinho, o último vizinho amigo nos deixou. Uma estranha fascinação me conduzia de cômodo em cômodo, em busca de algo que preenchesse o vazio.

As crianças estavam quietas. Por que Mary não conversava com as bonecas enquanto brincava? Por que não vinha gritando que os irmãos a provocavam? Por que os meninos não começaram uma briga no porão? Agora havia apenas o surdo zumbido e chocalhar do trem de brinquedo enquanto dava voltas e voltas, em ritmo monótono.

Por fim não consegui mais suportar o silêncio. Caminhei até a beira do pasto dos carneiros e fiquei olhando a pradaria abaixo. Era um dia úmido de dezembro, e uma bruma esbranquiçada suspendia-se sobre as montanhas. O som das sinetas subia indistintamente à colina. Até mesmo esse som parecia encharcar-se da forte umidade da terra e do ar.

Em pé na crista da colina, sob a bru-

ma, desejava evocar um quadro completo de toda a felicidade dos meus doze anos com Martha. Não havia um quadro completo – apenas pequenos fragmentos de tempo e espaço.

A lembrança de um tordo marrom, cantando ao amanhecer do lado de fora de uma janela de hospital, retornou. Por que me recordava disso tão nitidamente quando não conseguia sequer lembrar as palavras do médico que me comunicara o nascimento do meu filho?

Recordei-me de certa ocasião, quando Martha representara o papel de Maria em uma peça de Natal, em que me havia sentado nos fundos da capela e chorado em silêncio. Além de receber diversas cartas elogiando sua atuação, os garotos da escola lhe haviam dado maravilhosa flor que mantivera viva durante muito tempo. Naquela noite eu a presenteei com uma única rosa.

Lembrei-me de como, certa vez, depois de me procurar na minha sala de aula, Martha comentara que jamais vira em meu rosto um sorriso tão radiante quanto aquele que eu exibía em classe. Sabia que eu amava meu trabalho.

Um dia maravilhoso de outubro também retornou à minha mente. Da escola, ligara para Martha para saber se queria dar um passeio comigo. Eu ia dar uma olhada em algumas ovelhas que estavam à venda. Eram apenas 20 minutos de carro. Não sei por que a idéia me passou pela cabeça, mas ficou encantada.

Naquele dia desfrutamos o outono em todo o esplendor, indo pelo vale e retornando pela montanha. Não me recordo sequer sobre o que conversa-

mos. Teria aquela manhã algo de especial? Não me pareceu naquela ocasião, mas agora retornava, permanecendo única, destacando-se de todos os inúmeros passeios e viagens que fizemos juntos. Enquanto eu recordava, apoiado no portão, aqueles poucos minutos de aparente insignificância brilharam em meio à escuridão.

Quando voltei a casa, caminhava pesadamente. Precisava preparar a minha primeira refeição para as crianças. Como seria? O que eu faria errado? Preparei batatas assadas com costeletas de porco, acompanhadas de vagens que Martha e eu havíamos preparado e guardado no *freezer*.

Enquanto me movia entre o fogão e a pia, Mary entrou na cozinha. Parada, com as mãozinhas na cintura, olhou à volta e disse: “O que posso fazer para ajudar você?”

Quando por fim consegui falar sem que me embargasse a voz, disse-lhe que a partir de então estaria encarregada de pôr a mesa.

Assumi a tarefa com graça e eficiência, e num piscar de olhos anunciou que tudo estava pronto. Ela havia posto a mesa para cinco pessoas.

A cadeira de Martha ainda estava em seu lugar habitual. Naquele momento era uma visão horrível, mas mesmo assim não era fácil para mim afastá-la da mesa e arrumar as restantes para preencher o espaço.

Tudo que me recordo daquela refeição foi o silêncio insuportável. É terrível quando crianças estão quietas, pois ou estão muito doentes ou muito magoadas.

Durante as semanas que se segui-

ram eu observava penosamente cada porção de comida e verificava com cuidado para ver se o leite havia sido tomado. Não parava de falar com Mary sobre a alimentação. “Dois pedaços disto. Você precisa comer aquilo.”

Por fim decidi que tentaria o silêncio por uma refeição. Ela sentou-se sem tocar o prato. Vez ou outra espiava para ver se eu não me esquecera de algo. Depois de algum tempo não suportou mais a falta de atenção. “Papai”, perguntou, “você não vai falar comigo sobre a comida?” A partir de então não mais tivemos problemas com seus hábitos alimentares.

As conversas gradualmente retornaram e até mesmo um raio de sol penetrava a bruma cinzenta do sofrimento. Certos pratos que eu preparava estariam tão bons quanto os da mamãe. Alguns pareceriam até mesmo saborosos. Pouco a pouco meus filhos aprenderam de novo a disparar ruidosamente até a mesa em vez de vagar em silêncio como naqueles primeiros dias sombrios.

O tempo passava rápido, mas as crianças tardavam em dar sinais de riso e felicidade. Eu admirava a verdade contida nas palavras de Abraham Lincoln: “Neste nosso triste mundo, o sofrimento, que não poupa ninguém, traz para os jovens uma agonia mais amarga, pois os toma de surpresa.”

Acredita-se que alguém de cinco, sete ou nove anos de idade tenha memória curta – mas isso não é correto. Durante muito tempo Kip, David e Mary ainda aguardariam a volta da mamãe. Kip a buscava em silêncio. Muitas manhãs eu escutaria seus passos.

David, ao retornar da escola, abria a porta e chamaria sem pensar “mamãe!” Então caminharia pelos cômodos de baixo, subiria as escadas e, devagar, sem uma palavra, desceria à cozinha para tomar leite e comer biscoitos. Mary também se mostraria confiante. “Quando mamãe vai voltar?”, perguntaria diversas vezes, durante muitos dias.

Aquela sensação de expectativa era contagiante. Nas longas noites me vi pensando. *Hoje é quinta-feira, e ela vai estar chegando do grupo de bridge. É terça-feira à noite e estará vindo do clube de leitura. É domingo à tarde, e depois do cochilo logo descerá para levar as crianças a passear.*

Mas nada restava além do silêncio e de profunda quietude.

Mary e os duendes

A GORA SEI POR que mães ficam cansadas. A energia gasta em cuidar das crianças é maior do que a soma daquela consumida no abate de árvores, carregamento de pedras e construção de uma casa. Logo aprendi que, para que tudo corresse bem durante o dia, deveríamos começar cedo. Além de fazer com que escovassem os dentes, cujo número variava de mês a mês e de boca a boca, havia o problema de se inspecionar rostos, unhas, mãos e orelhas antes da escola.

Tudo necessitava de organização agora que o toque de mãe se fora. Responsabilidade tornou-se, precocemente, parte de suas vidas. Organizamos as pequenas tarefas que poderiam ser realizadas depois da escola. Anotamos

o número do telefone do médico para o caso de alguém adoecer.

A princípio, até mesmo assuntos rotineiros eram problema. Uma longa conferência foi necessária para separar nosso primeiro rol de roupa lavada. Kip e David usavam praticamente o mesmo tamanho de roupa. De quem eram estas meias? O pijama vermelho é seu? E esta camisa azul, de quem é? E a branca?

Encontramos uma solução. Quando compramos meias novas, David ficou com as verdes e azuis. Kip, com as vermelhas e amarelas. David recebeu camisas azuis; Kip, brancas. Kip aprendeu a separar as roupas para lavar e os três passaram a guardá-las ordenadamente nas gavetas de suas pequenas cômodas.

Tudo exigia planejamento. Enquanto escovava os dentes à noite, Mary acostumava-se a pensar sobre qual vestido usaria no dia seguinte. O tempo pela manhã era precioso, não permitindo às crianças esses tipos de decisão.

Os meninos arrumavam as próprias camas e competiam para ganhar o prêmio semanal pelo quarto e cama mais bem arrumados. Mary não conseguia ocupar-se da cama, ainda assim aprendeu bem rápido a colocar suas roupas sujas no cesto e a pendurar o vestido assim que voltasse da aula. Nas manhãs de sábado, esvaziava todos os cestos de lixo, e Kip e David tiravam o pó da casa inteira. Aprendemos o valor do tempo.

Algumas vezes, grandes problemas eram resolvidos de modo tão simples que eu duvidava de que realmente houvesse algum. Na primeira noite so-

zinhos depois da morte de Martha, estudei cuidadosamente as tranças de Mary enquanto ela dormia. Estavam perfeitas e bem presas. Por que Martha se dava ao trabalho de trançá-las de novo todas as manhãs? Com certeza elas se manteriam assim por alguns dias até que eu aprendesse como fazê-lo. A professora de Mary poderia me ensinar. Pediria a ela no dia seguinte, quando fosse buscar minha filha.

Subi para ajudar Mary a se vestir na manhã seguinte – mal podia crer em meus olhos. Suas tranças pareciam uma corda esfarrapada. Fios de cabelo caíam sobre os olhos.

Eu aprendera a trançar cordas quando fora escoteiro. *Quem sabe algo do mesmo princípio funcionaria*, pensei.

Depois do café da manhã, comecei a trabalhar. Parecia que algo ou alguém havia tecido pequenas teias nos cabelos sedosos e macios de Mary. Desfizemos os nós e passamos a trançar, primeiro com duas mechas. Quando terminamos e prendemos as pontas com elásticos, as tranças se desfizeram como molas. A tentativa seguinte foi com três mechas. Não se desfizeram. Mary ficou em silêncio por algum tempo e então desatou a chorar.

Achei uma solução para esse trauma com um ritual diário que criamos. Juntos, inventamos uma história que seria recontada cada manhã enquanto eu lhe trançava os cabelos. Pela janela do banheiro, podíamos ver uma velha nogueira com três forquilhas. Viam-se galhos secos presos e buracos abandonados de pica-paus que pontilhavam o tronco semidescasca-

do. A árvore crescera sobre uma saliência de pedra calcária onde havia uma abertura. Decidimos que não existia árvore mais apropriada para a morada de duendes do que a velha nogueira deformada, comida por cupins, que se apegava desesperadamente à vida.

Então, prosseguia nossa história, dois duendes viviam sob a velha nogueira. Eram bons duendes, tecelões. Passavam o tempo ajudando as aranhas a tecer as teias para pegar insetos malvados. Às vezes, como adoravam o trabalho, juntavam minúsculas gotinhas de orvalho nas teias. De manhã podíamos ver as teias prateadas ao longo da cerca que subia a colina.

No inverno os duendes não tinham teias para fazer porque todos os insetos malvados e as aranhas haviam se recolhido sob a casca das árvores e dormiam. Para manter os dedos ágeis, os pequenos duendes vinham todas as noites, enquanto Mary dormia, tecer pequenas teias em seu cabelo que chamávamos de nós. Não estavam sendo malvados. Sabiam que se não tecessem, não íamos conseguir escovar e pentear direitinho os cabelos, e assim eles não ficariam macios e bonitos.

Os dias se transformaram em semanas e meses. Mary não mais se importava quando eu lhe arrumava os cabelos. Acabaram-se as lágrimas na hora de trançar. E, melhor que tudo, as tranças faziam-na ficar parecida com a mãe.

Sob águas plácidas

UM PESSEGUEIRO que Martha e eu havíamos plantado no jardim cresceu tanto que um dos

galhos pendia sobre o lago. Lá fora, algumas semanas após sua morte, numa noite chuvosa de dezembro, bem depois que a chuva parou, fiquei observando as gotas desprendendo-se do galho e caindo n'água. O luar, despontando por entre as nuvens, espalhou-se pelos círculos ondulantes.

Naquele momento, lembrei-me de certas palavras das Escrituras: "E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevalecem." O mundo de Martha fora verdadeiramente um mundo de luz.

Recordei-me de como certo dia um homem, quase um desconhecido, aguardava por mim na porta do mercado. Começou a falar sobre Martha. "Ela estava sempre tão feliz. Toda vez que a via, seu carro estava cheio de crianças sorridentes.

buto a Martha Armstrong" foi publicada em nosso jornal local. "Querida Martha Armstrong", principiava. "Que tragédia terrível não tê-la mais conosco; você que se foi tão jovem e com tanto a dar, principalmente afeto, bondade e carinho aos seus filhinhos e



"Quando o sol despontou sobre a montanha, vimos que todas as árvores se transformaram em árvores de Natal."

Sinto falta dela em nossa cidadezinha."

Pouco tempo depois da morte de Martha, uma carta intitulada "Um tri-

a todos que lhe eram próximos."

Aguardei até que a última gotícula caísse no lago. Então retornei a casa para fazer pacotes, endereçar cartões

e me lembrar das mil e uma outras providências que teria de tomar durante os últimos quatro dias que precediam nosso primeiro Natal sem Martha.

Tantas coisas já haviam acontecido! Uma vizinha carinhosa oferecera a festa de aniversário de Mary, e agora ela estava com “cinco anos de verdade”. Kip e David estavam ensaiando para o espetáculo de Natal na igreja.

Mais da metade dos 300 meninos da minha escola havia comparecido a uma cerimônia especial de réquiem da Sagrada Eucaristia em homenagem a Martha na manhã de seu funeral. Os meninos haviam economizado 500 dólares de suas semanadas privando-se de sorvetes, coca-colas e doces, para comprar um vitral da capela em memória de Martha.

No jornalzinho da escola, escreveram: “Leva-se tempo para compreender totalmente o impacto da súbita morte de Martha Armstrong. Era uma alma transbordante de amor

infinito a Deus e a todos os seres humanos por Ele criados.”

Haviam entendido. Os adolescentes são maravilhosos porque exibem magníficas almas com transparência. Os professores aprendem muito com eles.

Quando chegou o dia de retomar as aulas, dei por mim com o olhar fixo para fora da janela ao cumprimentar os meninos, engasgando em cada palavra. Seus olhos refletiam pena e pesar. De quando em quando um deles, sem

conseguir suportar, saía silenciosamente da sala.

Mas o Natal se aproximava e percebi que, embora um silêncio pesado tomasse conta da casa, precisava tentar fazer daquela época de festividades uma ocasião alegre para Kip, David e Mary.

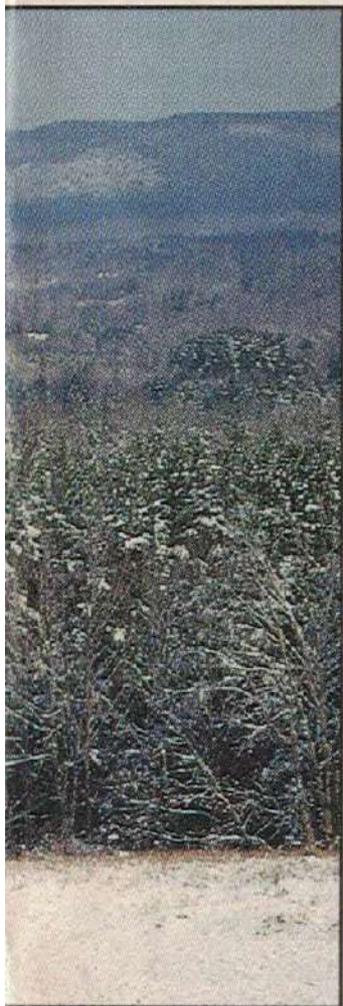
Agimos exatamente como as pessoas fazem no Natal. Enviamos cartões que Martha já começara a escrever. Assinamos “Papai, Kip, David e Mary”. Tentamos organizar os presentes que Martha já havia comprado para primos, tias e tios.

Enquanto conversávamos sobre o que daríamos para esse ou aquele amigo, David parou e perguntou: “O que podemos dar à mamãe de presente de Natal?”

Para o Natal da mamãe, construímos um oratório junto a uma das paredes do escritório. Utilizamos algumas pranchas de pinho que haviam sobrado da construção da casa. Colocamos uma foto dela acima do genuflexório e, sobre a foto, uma lamparina.

Quando fazíamos as nossas orações matinais, era ali que nos ajoelhávamos e, à noite, quando rezávamos a Deus para que “guardasse minha alma”, também era ali que nos reuníamos.

Armar a árvore na véspera de Natal enquanto as crianças dormiam – antes motivo de alegria para nós – agora se havia tornado uma corrida contra o amanhecer. Era difícil acreditar que ela não estava ali. Continuava imaginando que certamente estaria voltando para casa do culto da meia-noite para ajudar a arrumar os presentes. E pela manhã desceria pa-



ra ver os olhos saltitantes e ouvir as exclamações de prazer.

Naquela véspera de Natal, enquanto ia de quarto em quarto ajeitando as cobertas, dando uma segunda e terceira olhada em meus filhos, perguntei-me a meia voz: "Por que nesta manhã – entre todas as outras, justamente quando seus corações deveriam estar transbordando de alegria e felicidade, não podem eles estar com a mãe?"

Observando-os dormir, fiquei imaginando se estariam mergulhados em silêncio atroz ou sonhando sonhos de crianças. Rezei para que de algum modo a alegria do dia pudesse aliviar a tristeza que lhes havia sobrecarregado o jovem coração.

Esfriara bastante durante a noite e, quando o sol despontou sobre nossa montanha, vimos que todas as gotas de chuva se haviam tornado prateadas e todas as árvores, árvores de Natal. O mundo lá fora estava silencioso, exceto pelo tilintar das sinetas dos carneiros nas pastagens abaixo.

Ouvi quando Kip despertou David e Mary. Desceram juntos – um não deve ver antes do outro. Vi a alegria dançar em seus olhos. Por um momento, esse

sentimento cintilou como vela a se extinguir, mas não se apagou. E naquele momento de gratidão, sabia que aquela alegria se refletia em meus olhos.

FINALMENTE O INVERNO se foi. Gra-lhas juntavam galhos no campo e os transportavam para os ninhos nas montanhas. Chapins começaram o seu

assobio de duas notas. Os carneiros procuravam os primeiros locais que haviam descongelado em busca dos brotos de grama. Para ver os novos cordeiros, as crianças traziam os amigos para casa, e crianças e cordeiros brincavam juntos na colina. A crosta da terra se rompeu e as flores desabrocharam. Nuvens escuras rolavam, chocando-se contra as montanhas e, de súbito, era abril.

Martha amara muito a primavera. Flores se abriam intocadas e morriam

em suas hastes. Não havia ninguém que as trouxesse para nossa casa. Kip, David e Mary, no entanto, sabiam que a mãe as estava vendo e desfrutando daquele momento. Sabiam também que ela agora está em um jardim onde flores não murcham nem morrem nas hastes, e sua beleza não se desvanece.



"A crosta da terra se rompeu e as flores desabrocharam. De súbito, era abril."

O SOL NASCEU milhares de vezes sobre nossa montanha desde que Martha Armstrong partiu tão prematuramente. Nossos filhos já estão crescidos. Um deles se ocupa das fragilidades do homem e da condição humana: ensina sociologia. Os outros dois tornaram-se artistas pois, assim como a mãe, não crêem que haja percepção suficiente da beleza que nos é dada para reverenciar e desfrutar.

Os dias desvencilharam-se das noites para proporcionar esplendor e esperança renovada. Novembros cinzen-

tos foram substituídos por número igual de abris, trazendo a promessa de vida no desabrochar das flores. Novas gerações de carneiros conduziram seus cordeiros à seiva verde de vida que brota na pastagem.

Muitos anos se passaram desde o dia em que Martha encerrou a peregrinação pela terra, mas seu legado de amor e fé continua a nos amparar. Ela permanece conosco enquanto meus filhos e eu prosseguimos em nossa jornada pela vida.

Sem jeito mandou lembrança...

MINHA VIZINHA PRECISAVA de fotos para passaporte e foi a uma cabine automática de fotos que encontrou num *shopping*. Depois de posar, ficou do lado de fora, até que surgiram as fotografias.

– Meu Deus! – exclamou ela ao ver as fotos. – Pareço um macaco.

Então alguém disse:

– Dá licença? Essas são minhas fotos. As suas ainda demoram cinco minutos.

Fred Barry, Grã-Bretanha

ESTÁVAMOS CASADOS HÁ APENAS algumas semanas quando Richard e eu nos mudamos para o Texas. Frequentemente pregávamos peças um no outro e, quando o telefone tocou certa tarde, não me surpreendi com a voz conhecida perguntando:

– Seu marido está aí?

– Não, querido, ele não está em casa – murmurei, caprichando no tom apaixonado. – Você pode vir agora.

Depois de longo silêncio, ouvi do outro lado da linha,

– Quem está falando é o irmão de Richard, de Washington. – Estamos de passagem e tínhamos esperança de encontrá-lo e conhecer sua esposa.

Shirley Cheney, EUA

PEDI AO SÍNDICO DO PRÉDIO que verificasse uma série de pequenos problemas em meu apartamento. Um deles era um desagradável barulho quando se abria a porta do armário embutido do quarto. Ao chegar em casa, vi um papel indicando que o pessoal da manutenção tinha passado por lá. Debaixo de “Trabalho realizado”, o empregado tinha escrito: “Queixa de barulho no armário embutido. Esperei alguns minutos junto dele. Não ouvi nenhum barulho.”

Nancy L. Judd, EUA